

TAIYE SELASI

ADEUS, GANA



TAIYE SELASI
ADEUS, GANA

TUSQUETS
EDITORES

Tradução

Isadora Prospero

2ª edição

TUSQUETS
EDITORES

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Taiye Selasi, 2013
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019, 2021
Copyright © Isadora Prospero
Título original: *Ghana Must Go*
Todos os direitos reservados.

Preparação: Thiago Fraga
Revisão: Luiza Del Monaco, Thaís Rimkus e Fernanda Guerriero Antunes
Projeto Gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Abreu's System
Capa: Adaptada do projeto gráfico original de Compañía
Imagem de capa: Mônica Ventura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Selasi, Taiye Adeus, Gana / Taiye Selasi; tradução de Isadora Prospero - São Paulo : Planeta, 2021. 352 p. ISBN: 978-65-5535-405-8 Título original: Ghana Must Go 1. Ficção inglesa I. Título II. Prospero, Isadora 21-1912 CDD 823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa

2021
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 - 4º andar
Consolação - 01415-002 - São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Sumário

11	PRONÚNCIAS
13	ÁRVORE GENEALÓGICA
15	PARTE I: PARTIDO
115	PARTE II: PARTIDA
215	PARTE III: PARTIR
349	AGRADECIMENTOS

QUETS
EDITORES

PARTE I
PARTIDO

TUSQUETS
EDITORES

1

Em um domingo, antes do amanhecer, Kweku morre descalço. Suas pantufas, como cachorros ao lado da porta do quarto. No momento, ele está no limiar entre o solário e o jardim, considerando se deve voltar ao quarto para calçar as pantufas. Não fará isso. Sua segunda esposa, Ama, está dormindo naquele cômodo, com os lábios entreabertos, a testa levemente franzida e o rosto afogueado, buscando um pedaço fresco do travesseiro. Ele não quer acordá-la.

E não poderia, mesmo se quisesse.

Ela dorme parecendo um inhame, como um objeto inanimado. Dorme como a mãe dele, desconectada do mundo. A casa deles podia ser roubada – por nigerianos usando chinelos de dedo e aparecendo à porta em tanques enferrujados do Exército russo, prescindindo inteiramente de sutileza, como passaram a fazer na Ilha Victoria (pelo menos é o que ele ouve os amigos dizerem: os reis e os caubóis do petróleo bruto que se desmobilizaram para a Grande Lagos, aquele tipo estranho de africano, destemido e rico) – e ela continuaria roncando suavemente, como um tipo de arranjo musical, sonhando com docinhos e Tchaikovsky.

Ela dorme como uma criança.

Mas ele carregou o pensamento mesmo assim, do quarto ao solário, transformando seus cuidados em uma produção. Um espetáculo

para si mesmo. É algo que faz, que sempre fez desde que deixou o vilarejo: pequenas apresentações ao ar livre para uma plateia de uma pessoa. Ou duas: ele e seu *cameraman*, aquele *cameraman* silencioso e invisível que veio clandestinamente com ele tantas décadas antes, na escuridão que precede a aurora no oceano, e que o segue para todo canto desde então. Silenciosamente filmando sua vida. Ou: *A vida do homem que ele deseja ser e que partiu para se tornar*.

Esta cena é uma cena no quarto: o Marido Atencioso.

Ele, que não solta nem um pio ao sair da cama, afastando os lençóis sem fazer barulho algum, apoiando os pés um de cada vez no chão, tomando todo o cuidado para não acordar sua esposa impossível de ser acordada e para não se levantar rápido demais e sacolejar o colchão, atravessando o cômodo em completo silêncio e fechando a porta atrás de si sem qualquer ruído.

E ele prossegue pelo corredor do mesmo jeito, cruzando a porta para o pátio, onde ela claramente já não pode mais ouvi-lo, mas ainda na ponta dos pés. Percorre a curta passarela aquecida, da ala principal à ala de estar, onde pausa por um momento para admirar sua casa.

O complexo térreo é um arranjo genial – nem um pouco original, mas funcional e planejado de maneira elegante: um pátio simples no centro com uma porta em cada canto para as alas de estar, jantar, principal e para os quartos (de visita). Ele esboçou o espaço em um guardanapo na lanchonete de um hospital, em seu terceiro ano de residência, aos trinta e um anos de idade. Aos quarenta e oito, comprou o terreno de um paciente napolitano, um especulador de terras rico, com conexões com a máfia e portador de diabetes tipo 2, que se transferiu para Acra porque, segundo ele, a cidade se parecia com a Nápoles dos anos 1950 – a riqueza pressionada contra a carência, o ar fresco do mar contra o esgoto, os ridiculamente pobres em contraste com os ridiculamente ricos na praia.

Aos quarenta e nove, encontrou um carpinteiro disposto a construir seu projeto, o único ganense que não hesitou em colocar um buraco em uma casa. O homem tinha setenta anos, catarata e barriga de

tanquinho. Trabalhando sozinho e impecavelmente, entregou a casa em dois anos.

Aos cinquenta e um, ele transferiu suas coisas para lá, mas achou o lugar silencioso demais.

Aos cinquenta e três, casou-se pela segunda vez.

Um planejamento elegante.

Agora, ele para no meio do quadrado, entre portas, onde a planta é óbvia, onde ele pode *ver* o design, e considera o espaço como um pintor deve considerar sua pintura ou uma mãe, seu recém-nascido: com um misto de espanto e admiração por essa coisa que se originou dentro de sua mente ou de seu corpo ter conseguido sair e adquirir vida própria. Está levemente perplexo. Como aquele esboço chegou até aqui, saiu de *dentro* dele e agora está à sua frente? É claro que ele sabe: com a aplicação correta dos instrumentos adequados; é a mesma coisa para o pintor, a mãe, o arquiteto amador – mas, mesmo assim, é uma visão impressionante.

Sua casa.

Sua casa linda, funcional e elegante, que apareceu para ele inteira, o *éthos* todo, em um instante, como um zigoto fertilizado girando inexplicavelmente para fora da escuridão em posse de um código genético inteiro. Uma lógica inteira. Os quatro quadrantes. Um aceno para a simetria, para seus dias de treinamento, para papel quadriculado, para o compasso, perpétua jornada/perpétuo retorno, etc. etc., um pátio cinza, não verde, pedra polida, lajes de ardósia, cimento tratado, um tipo de refutação aos trópicos, à casa: uma pátria reimaginada, todas as linhas limpas e retas, nada exuberante, suave ou verdejante. Em um instante. Tudo ali. Agora aqui. Décadas depois, em uma rua na Velha Adabraka, um subúrbio de mansões coloniais, estuque caiado e vira-latas. É a coisa mais linda que ele já criou...

Depois de Taiwo, ele pensa, de repente, um pensamento que vem como um choque. Então, a própria Taiwo – com sobranceiras como um matagal e bochechas como rocha entalhada e olhos de pedras preciosas, seus lábios cor-de-rosa, da mesma cor que o interior de conchas, impossivelmente lindos, uma garota impossível – meio que

aparece diante dele, interrompendo sua performance do Marido Atencioso, mas logo desaparece como fumaça.

É a coisa mais linda que ele criou *sozinho*, ele emenda a observação.

Então, continua pela passarela através da porta que leva à ala principal, passando pela sala de jantar, até o solário, até o limiar.

Onde ele para.

TUSQUETS
EDITORES

2

No fim da manhã, quando a neve começou a cair e o homem terminou de morrer e um cão farejou a morte, Olu irá sair do hospital sem qualquer pressa, deixar o BlackBerry e o café de lado e começar a chorar. Ele não poderá saber como o dia nasceu em Gana. Estará a quilômetros, oceanos e fusos horários de distância – e outros tipos de distância mais difíceis de abarcar, como mágoa, raiva, luto calcificado e aquelas perguntas não feitas ou não respondidas por tempo demais e gerações de silêncio e vergonha entre pais e filhos –, misturando leite de soja no café em uma lanchonete de hospital, com os olhos embaçados, sonolento, presente e não presente. Mas ele vai imaginar a cena – seu pai, ali, morto em um jardim, um homem saudável de cinquenta e sete anos, com um físico impressionante, os bíceps pequenos e redondos repuxando a pele dos braços, a barriga pequena e redonda repuxando a camisa, uma regata Fruit of the Loom com nervuras rasas, de um branco imaculado sobre marrom-escuro, usada com aquelas calças MC Hammer que ele odeia e que Kweku ama – e, por mais que tente (ele é médico, sabe que não é assim que funciona, odeia quando seus pacientes perguntam “e se você estiver errado?”), não consegue se livrar do pensamento.

De que os médicos estavam errados.

De que essas coisas não “acontecem às vezes”.

De que algo *aconteceu* lá fora.

Nenhum médico tão experiente, muito menos tão excepcional – e podem dizer o que quiserem, mas o homem era bom no seu trabalho, até os depreciadores admitiam, “um artista com um bisturi”, um cirurgião geral sem igual, o Carson ganense e por aí vai –, poderia ter ignorado os sintomas de um infarto se aproximando tão lentamente. Trombose coronária básica. Facinho. É só agir rápido. E teria havido *tempo*, meia hora no mínimo, segundo a mãe, trinta minutos para agir, para “recorrer ao seu treinamento”, nas palavras do dr. Soto, o médico favorito de Olu, seu santo padroeiro *chicano*, para analisar os sintomas, fazer um diagnóstico, levantar-se, entrar na casa, acordar a esposa e, se a esposa não souber dirigir – e há uma boa chance de que não saiba ler –, então dirigir a si mesmo até a salvação. Para colocar as pantufas, pelo amor de Deus.

Em vez disso, ele nada fez. Não examinou sintomas nem fez diagnósticos. Só passeou por um solário, então caiu na grama, onde, sem nenhum motivo aparente – ou por motivos desconhecidos que Olu não consegue adivinhar e, fadado à ignorância, não pode perdoar –, seu pai, Kweku Sai, a Grande Esperança Ga,¹ o prodígio prodígio, só ficou deitado de pijamas sem fazer nada até o sol se erguer, feroz, menos um nascer que um levante, morte ao cinza débil por espada dourada, enquanto dentro da casa a esposa abriu os olhos, viu as pantufas ao lado da porta e, estranhando, foi a seu encontro – e se deparou com ele morto.

Um cirurgião excepcional.

De um infarto ordinário.

Com quarenta minutos em média entre o aparecimento dos sintomas e a morte. Então, mesmo *se* for verdade que essas coisas “às vezes acontecem”, isto é, que corações humanos saudáveis “às vezes” se

1. Os Ga são um grupo étnico da costa sudeste de Gana, que falam a língua de mesmo nome e estão concentrados principalmente na região de Acra, capital do país. (N. T.)

contraem, por acaso, do nada, como um tendão sofrendo uma câibra, há a questão do momento. Todos aqueles minutos no intervalo. Entre a primeira pontada e o último respiro. Aqueles momentos em particular foram o grande fascínio de Olu, uma obsessão durante toda sua vida, primeiro na infância como um atleta, então na vida adulta como médico. Os momentos que formam um resultado.

Os momentos silenciosos.

Aqueles instantes de silêncio entre gatilho e ação, quando o desafio do minuto é o único foco da mente e o mundo inteiro diminui a velocidade para observar o que vai acontecer. Quando alguém age ou não age. Depois do “tarde demais”. Não o *fim* – aqueles poucos e desesperados e cacofônicos segundos que precedem o apito final ou o longo bipe da linha reta –, mas o silêncio anterior, a quebra na ação. Há sempre essa quebra, Olu sabe disso, sem exceções. Então, instantes depois de a arma disparar e o corredor permanecer abaixado ou largar cedo demais, ou a vítima do tiro, sentindo uma bala romper a pele, levar ou não a mão ao ferimento, o mundo para. Se o corredor vai vencer ou o paciente sobreviver, isso está menos relacionado, no fim, com o modo como ultrapassa a linha de chegada do que com o que quer que tenha feito nesses momentos anteriores de imobilidade, e Kweku não fez nada e Olu não sabe o motivo.

Como seu pai pôde não perceber o que estava acontecendo e como, se percebeu, pôde ficar parado sem fazer nada? Não. Algo deve ter *acontecido* para o debilitar, desorientar, alguma emoção forte, algum distúrbio mental, mas Olu não sabe o quê. O que ele sabe é isto: um homem ativo com menos de sessenta anos, criado na base de peixe de água doce, que corria oito quilômetros por dia e fodia uma idiota núbil de um vilarejo – e, podem dizer o que quiserem, a nova esposa não é nenhuma enfermeira: é inútil atribuir culpa, mas talvez houvesse uma chance, compressões no peito do jeito certo, se ela apenas tivesse acordado – não morre num jardim porque seu coração parou.

Alguma coisa deve tê-lo *parado*.